

Alexandre Pilati

**O exílio de dois Gonçalves:
poesia e nacionalismo no século
XIX brasileiro**

Resumo

Uma das marcas fundamentais do movimento romântico brasileiro é o tratamento literário do nacionalismo. Diversos autores destacam essa característica em suas análises do período, remetendo sobretudo ao estudo clássico de Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira* (2009). Sob essa perspectiva crítica, os autores do romantismo, no Brasil, tiveram como princípio dotar a literatura do país de consistência local e de projeção cosmopolita. Este trabalho tem o objetivo de verificar essa questão realizando a leitura comparativa de dois poemas de autores fundamentais para o século XIX brasileiro, "Canção do exílio", de Antonio Gonçalves Dias, e "Adeus à pátria", de Domingos José Gonçalves de Magalhães. Postos em comparação, os dois poemas evidenciam uma consciência literária do nacionalismo que, por um lado, extrai a sua potência poética de uma situação de exílio e, por outro, é capaz de ganhar amadurecimento estético e político ao longo dos anos que separam os dois textos.

Palavras-chave: Romantismo brasileiro, nacionalismo literário, poesia e exílio, nação e representação, sistema literário

Abstract

One of the fundamental features of the Romantic movement in Brazil is the literary treatment of nationalism. Several authors highlight this feature in their analysis of the period, referring mostly to the classic study of Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira* (2009). From this critical perspective, the authors of Romanticism in Brazil had among its objectives to equip the country's literature of local consistency and cosmopolitan projection. This work aims to verify this issue by performing a comparative reading of two poems of great authors to the nineteenth century Brazil, "Canção do Exílio" by Antonio Gonçalves Dias, and "Adeus à pátria", by Domingos José Gonçalves de Magalhães. Brought into comparison, the two poems demonstrate an awareness of the literary nationalism that, on the one hand, draws its poetic power of a situation of exile and, on the other, is capable of winning aesthetic and political maturity over the years that separate the two texts.

Palavras-chave: Brazilian Romanticism, literary nationalism, poetry and exile, nation and representation, literary system

Uma das principais questões que teve de enfrentar o escritor brasileiro do século XIX nos termos da consolidação do sistema literário foi a transfiguração literária do nacionalismo. Sendo algo que atravessa, com matizes muito diversos, desde as manifestações pré-românticas até o debate acerca da literatura do norte de Távora e Alencar, o problema do nacionalismo literário entre nós pode ser investigado sob vários aspectos, especialmente o da sociologia da literatura e o da formalização literária do sentimento nacional. É este segundo aspecto que nos interessa neste trabalho, cujo objetivo central é propor algumas indicações para uma leitura contrastiva dos poemas “Adeus à pátria”, de Gonçalves de Magalhães, e “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. A hipótese central que se propõe para a leitura é a de que no tempo que passa entre a produção do texto de Magalhães e a do texto de Gonçalves Dias há algo como um processo acumulativo, em que se refinam alguns dados, modificam-se determinados mecanismos poéticos e se amadurece uma certa perspectiva nacional transfigurada em poesia. Para isso será preciso partir da premissa de que o que vemos configurar-se em um sistema literário, mais do que uma mera organicidade entre autor, obra, público e tradição, é um processo que congrega acúmulo e síntese cujo norte é a consolidação de um modelo mimético próprio (Cf. BASTOS, 2006), que, a um só tempo, seja expressão dos desejos locais de emancipação e dos anseios de universalização literária.

Antes de aprofundar o comentário sobre o nacionalismo literário inserido no projeto romântico de criação de um modelo de representação próprio ao país, vamos à leitura dos poemas. Embora não sejam propriamente sintéticos, vale aqui a sua reprodução, para que se tenham mais presentes os efeitos expressivos de cada poema em cotejo:

* *Alexandre Pilati* - Professor Doutor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília (UnB)

Canção do exílio¹

Gonçalves Dias

"Kennst du das Land, wo die Zitronen
blühen,
Im dunkeln die Gold-Orangen glühen,
Kennst du es wohl? — Dahin, dahin!
Möcht ich... ziehn."²
J.W. von Goethe

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores.
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

Adeus à pátria³

Gonçalves de Magalhães

Adeus, oh Pátria amada,

¹ Publicado originalmente em *Primeiros cantos* (1847)

² Uma tradução livre do trecho de Goethe citado por Dias como epígrafe é: "Conheces a terra onde os limoeiros florescem/ e as laranjas no breu brilham douradas/ Conheces tal terra?/ Lá, lá, eu gostaria de ir até lá"

³ Publicado originalmente em *Suspiros poéticos e saudades* (1836).

Terra saudosa, onde eu abri meus olhos
Pela vez prima ao sol americano;
Onde nos braços maternais suspenso,
O teu amor co'a vida
No albor dos anos meus fruí gostoso.

Oh margens do Janeiro,
Eu me ausento de vós com mágoa e
pranto!
Adeus, brilhante céu da terra minha!
Adeus, oh serras que vinguei difícil!
Adeus, sombrias várzeas,
Que vezes passeei meditabundo.

Adeus, augustas torres
Do templo, onde lavei-me do pecado!
O som funéreo dos sagrados bronzes
Ainda vem magoar os meus ouvidos,
E n'alma despertar-me
Tristíssimas, cruéis reminiscências.

Eis ali a montanha
Cujos pés beija o mar que em flor se
esbarra.
Quantas vezes ali triste, sentado,
Minha alma no infinito se espriava,
Os olhos vagueando
Sobre este mar, que deve hoje levar-me!

Sim, eu te deixo, oh Pátria;
E deixo-te lutando co'as procelas,
Que no teu horizonte se abalroam.
Ah! quanta dor o coração me punge,
Por ver alguns teus filhos,
Baldos de pundonor, como te olvidam.

Teus filhos... Ah! cubramos,
Se algum há, com desprezo o seu opróbrio.
Feras serpentes qu'entre mansas aves
Se aqueceram nos ovos, e mal nascem
Dilaceram os filhos,
E as próprias aves que lhes deram vida.

Malévolos sicários,
Raça espúria, sem Pátria, ermos de brio,
Já traidores alfanges afiando,
O ensejo só aguarda favorável
De ensopá-los no sangue
Daqueles a quem bens, e honra devem.

Não é pavor, nem susto
De aos pés calcado ser de intrusos Neros,
Nem de rojo levado ao cadafalso,

Que hoje arrancar-me de teu grêmio pode;
Nem a ambição me acena
Qu'eu vá mercadejar por longes terras.

Não, eu não temo a morte,
Nem dos tiranos temo a catadura;
sei firme assoberbar adversos fados;
Que o varão, que o dever toma por norte,
Sempre a Pátria antolhando,
Morte honrosa prefere à vida escrava.

Amor da sapiência,
Desejo de colher lições do mundo
Leva-me às margens do soberbo Sena,
Para, se me não for avessa a sorte,
Ante o altar da Pátria
Meus serviços prestar vir respeitoso.

A ti me voto inteiro,
Tu és o meu amor, minha alma é tua.
Só para te ofertar flores cultivo
Nos mágicos jardins da Poesia;
Se te apraz seu aroma,
Ah! como fico de prazer ufano!

Ah! praza a Deus que a nuvem,
Que obumbra ora teu céu, tão belo
sempre,
A cólera do Eterno não desabe
Sobre as tristes cabeças de teus filhos!
Ah! praza a Deus que nunca
Teu Anjo tutelar fuja a teus lares!

Oh Senhor, tu protejes
O povo que se vota à Liberdade;
A Liberdade é dom que nem tu mesmo
Aos homens tiras; como um mortal ousa,
Erguido pó da terra,
Eclipsar os teus dons, manchar teu nome?

Cara Pátria, sem susto
Tua frente levanta majestosa,
Como tuas montanhas, e teus bosques!
Não sejas só no mundo conhecida
Por teus ricos tesouros,
Pelos prodígios da sem-par Natura.

Oh Pátria, ovante marcha;
Já em teu seio encerras Varões dignos
De renome imortal; não te envergonhes
De cingir-lhes as frentes, de apontá-los.
São eles que te escoram,
E que te hão de elevar à Eternidade.

As solitárias ondas
Que hoje sonoras tuas: praias beijam,
Já outrora, não pedras, não espuma,
Mas cadáveres, e sangue arremessaram,
Cadáveres, e sangue
Dos nascidos nos teus sagrados bosques.

Se inimigos ousarem,
Armados contra ti, em frágeis lenhos,
Expelir o trovão, o raio, e a morte,
Abrir-se-hão estes mares a sorvê-los;
Seus lívidos cadáveres
Tuas areias junçarão de novo.

O coração pressago
Veemente palpita, e voz suave
Em meu peito ressoa, e me anuncia
Que o céu destes horrores te preserva;
O coração não mente;
A paz firmou-se em ti; seja ela eterna.

Como a enchente do Nilo
Que estendendo-se sobre a terra Egípcia,
Deixa após si fertilidade aos campos,
Assim, propicia paz, tu vivificas
O povo que te hospeda,
E por ti bafejada a indústria medra.

Como serei ditoso
Se dado ainda me for correr teus campos,
Beijar de anosos pais as mãos rugosas,
Abraçar os amigos, e arroubado
Nesse celeste instante
Novos, oh Pátria, cânticos tecer-te.

Rio de Janeiro, 3 de julho de 1833

Mesmo numa leitura menos atenta, quando cotejados, dois aspectos dos dois poemas se destacam. O primeiro diz respeito à extensão relativamente longa de “Adeus à pátria” em contraste com a relativa condensação que se verifica em “Canção do exílio”. O segundo aspecto que à primeira vista se verifica é a uma homologia profunda, que diz respeito à figuração de um *locus* enunciativo da voz lírica marcado pela situação de exílio. Se tomarmos os dois poemas como modelos de expressão da nacionalidade romântica, extraídos de dois períodos diferentes de nossa história, veremos que esses elementos de diferenciação e de homologia podem ser lidos como sintomas históricos de um processo dinâmico do sistema literário, cuja lei central poderia ser formulada nos seguintes termos: mais do que dever seu avanço a rupturas, a configuração sólida de um modelo representacional brasileiro, no século XIX, paga tributo a um movimento de conservação e adensamento de propósitos muito bem colocados no início do movimento romântico, os quais giram em torno da questão do nacionalismo literário.

A relação entre os dois autores aqui enfocados parece ser uma primeira demonstração daquilo que Candido (2002), referindo-se a outro contexto, sintetiza nos seguintes termos:

As filiações são a chave dos períodos literários, e uma literatura afirma a sua independência e seu vigor pela capacidade de transmitir, sempre fecundos, os seus valores próprios [...] quando, sobretudo e finalmente, aparece toda uma geração de jovens poetas nutridos exclusivamente da atmosfera poética brasileira, estou reconhecendo a pujança daqueles mestres que se libertaram à custa de muita luta e a existência de um clima poético brasileiro. (CANDIDO, 2002, p.146)

Ao consolidar os esforços relacionados à questão do nacionalismo literário, Gonçalves Dias dá ordem aos dados que se encontravam de alguma maneira dispersos na obra de seu predecessor, Gonçalves de Magalhães. Este tem o mérito da formulação do impasse básico da expressão do nacionalismo em termos de modernização literária; aquele dá dignidade literária a esses esforços. A questão fora já formulada precisamente pelo próprio Gonçalves de Magalhães no seu “Discurso sobre a história da literatura do Brasil”, uma brilhante peça de retórica e aguçadíssima visão historiográfica e política. Logo nos primeiros parágrafos o autor lança questões agudas, que vale rememorar:

qual é a origem da literatura brasileira? Qual o seu caráter, seus progressos e que fases tem tido? Quais os que a cultivaram e quais as circunstâncias que, em diversos tempos, favoreceram ou tolheram o seu florescimento? É, pois, mister remontar-nos ao estado do Brasil depois do seu descobrimento e daí, pedindo conta à história - e à tradição viva dos homens - de como se passaram as coisas, seguindo a marcha do desenvolvimento intelectual e, pesquisando o espírito que a presidia, poderemos apresentar, senão acabado, ao menos um verdadeiro quadro histórico da nossa literatura.⁴

Na boa articulação argumentativa de Flora Sussekind (1994), o esforço dos românticos, cujo pontapé inicial é dado por Magalhães, consistia basicamente em inventar uma tradição que na verdade já estava lá.

Nos termos da autora:

De um lado é preciso reinventar retroativamente a nacionalidade desejada, fundar alguma coisa dizendo que, de algum modo, ela já estaria lá. De outro porque há um duplo compromisso em jogo nessa literatura que se produz nos decênios de 30 a 70 no Brasil do século XIX: tanto uma sintonia ao panorama cultural internacional de então quanto com um todo-poderoso projeto de individuação nacional. Mão dupla que, senão é exclusivamente da consciência literária romântica, assumiria caráter peculiar nesse período. (SUSSEKIND, p. 454)

29

Como podemos constatar, um dos elementos fulcrais para essa tradição que deveria ser, a um só tempo, redescoberta e inventada é precisamente o sentimento íntimo de nação, que se deveria plasmar nas letras brasileiras, de acordo com Magalhães, seguindo o melhor da nova voga literária.

Os poemas em cotejo neste trabalho, portanto, podem nos ajudar a discutir a fundo a construção, em ato, de uma das noções mais comumente tratadas nas representações poéticas da nação brasileira no século XIX. Em primeiro lugar porque, estando separados por onze anos (tomemos as datas de primeira publicação dos livros onde os textos se encontram), os poemas demonstram que há uma permanência de temática básica para abordar poeticamente o sentimento de nacionalismo, ou seja, a questão do exílio dá consistência e oportunidade verossímil para a caracterização da terra natal. Em segundo lugar, porque marcam uma evolução

⁴ MAGALHÃES. "Discurso sobre a história da literatura do Brasil". Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2080>. Acesso em: 18 jul. 2013.

no tratamento desse tema do exílio, da saudade e do nacionalismo; uma evolução que é, antes de tudo literária, mas também que também pode ser lida (não apesar da estética, mas precisamente por causa dela) como reflexo de um amadurecimento político na noção de nacionalidade brasileira.

É claro que esse amadurecimento é favorecido pela figura literária muito mais bem preparada de Gonçalves Dias, que soube, nas palavras de Antonio Candido, “consolidar o Romantismo”. Para o autor da *Formação*: “o seu verso, incorporando o detalhe pitoresco da vida americana ao ângulo romântico e europeu de visão, criou (verdadeiramente *criou*) uma convenção poética nova” (CANDIDO, 2008, p. 342). Ora, essa convenção poética nova, era exatamente a literatura brasileira, que extraía e combinava o melhor da síntese “local X universal”. Isso se deu graças ao talento do poeta que combinou influências da matriz portuguesa com a atenção ao problema básico da expressão universalizante da cor local brasileira. E principalmente: soube aproveitar sugestões e modelos anteriores do grande autor brasileiro do início do movimento romântico, Gonçalves de Magalhães.

Nos dois poemas abordados neste trabalho, vemos esse avanço estético claramente configurado no modelo radicalmente sintetizante da “Canção do exílio”. As imagens que se referem à pátria no poema de Magalhães se encontram em um estado ainda embrionário, não conseguem lograr ainda o êxito representativo do nacionalismo que é possível ver no texto de Gonçalves Dias. Livros de cor local que se concretizam mais como tentativa de caracterização do particular via aplicação da convenção romântica universal ao caso brasileiro são vistos, sobretudo, na primeira estrofe do poema “Adeus à pátria”. Entretanto, cada um desses elementos, graças a uma conjugação estética que não logra operar síntese eficiente, faz os elementos de tradução do nacional aparecerem ao leitor de uma maneira muito abstrata. Uma maneira cuja grande síntese se faz sentir na palavra que guia o gesto poético de definição do particular, ou seja, “pátria”. “Pátria” não é “terra”; “pátria” não é “nação”; “pátria” é algo que se caracteriza como abstração racional do sentimento telúrico ou nacional; é algo que tende ao oficialismo e que, portanto, dado o seu extremo grau de reificação, não se casa bem com o sentimento saudoso e de lamento que o poeta Magalhães deseja criar. Assim, o poema sofre de uma disjunção essencial que não faz com que ele alcance a coerência, a delicadeza e a fluidez que são necessárias num poema desse tipo. Como que sabendo disso, o poeta alonga o seu poema, distende-o

tentando abranger áreas múltiplas dessa experiência de amor à pátria e de exílio. Dessa forma, o poema vai agregando outros níveis de problemáticas, que, de certa maneira, são estranhos ao tipo de poema romântico que ele pretende ser. Há uma espécie de vitória do realismo sobre o romantismo matricial da proposta do poema. O retorno do que foi reprimido pela história oficial, assim, é inexorável e o poema, numa belíssima passagem de sentimento anticolonial, revela o horror da construção daquele ícone primeiramente abstrato cristalizado no nome “pátria”. Diz o poeta sobre a constituição básica dessa pátria: “Que hoje sonoras tuas: praias beijam, / Já outrora, não pedras, não espuma, / Mas cadáveres, e sangue arremessaram, / Cadáveres, e sangue/ Dos nascidos nos teus sagrados bosques”. É impressionante como nesses versos o sentimento de desejo de criação de uma convenção local que fosse capaz de plasmar literariamente a identidade nacional é realizado por uma justaposição de elementos que precisariam, pela regra da convenção ideológica ocidental, estar escondidos. Esse é, entretanto, um gesto de Magalhães que (acidentalmente ou não) cristaliza uma dimensão importante da consolidação do modelo representacional brasileiro. Digamos, em tom sumular, que o texto de Magalhães padece de um defeito poético, pois ele não consegue, como no caso de Gonçalves Dias, realizar a sublimação do movimento histórico em forma simbólica que confira tensão entre cosmopolitismo e particularismo. Nessa estrofe capital para a compreensão do “erro produtivo” de Magalhães, os “cadáveres” que habitam as praias mancham de sangue a abstratização simbólica da pátria almejada pelo poeta. Entretanto, na “falha realista” do poema, a história periférica assoma à forma estética, embebendo-a de contradição reveladora, inquietando o leitor e fazendo-o pensar sobre os embriões das contradições iniciais do processo de construção nacional da literatura brasileira. Desejo de plasmar a cor local identitária e desrecalque da matriz de violência do processo colonizador fazem assim com que essa imperfeita forma tenha uma grande importância do ponto de vista da diagnose das contradições essenciais que vão catalisar os movimentos do sistema daquele momento em diante. A descrição da pátria no poema de Magalhães não é a descrição do nativismo anterior ao século XIX; ela é a consumação poética de um sentimento moderno, que, para seu bem, não se limita à saudade da pátria que o eu lírico abandona, mas se amplia para a consciência poética e realista acerca do fato de que a cor local não será sempre, no sistema literário, algo que significa apenas expressão do pitoresco. Dessa forma, o que

tentamos mostrar é que a justaposição cor local (natureza) e história (cadáveres espalhados pelas praias) estabelece, aos olhos do leitor, dialeticamente uma literatura que é falha, pois não logra plena sublimação da história na construção do signo, mas é produtiva, pois preserva literariamente viva a imagem política da dinâmica opressiva da constituição de uma nação colonizada. Combinam-se, pois, no extenso poema de Magalhães certa imperfeição estética com algo de agudeza de olhar político. Não nos esqueçamos: o poema está publicado em *Suspiros poéticos e saudades*, o primeiro livro considerado romântico entre nós, o primeiro livro de nossa literatura “nacional”, moderna, por assim dizer. Por isso, para o bom observador, será possível verificar que, nesses poucos versos, encontra-se uma raiz de um problema fecundo para o sistema literário brasileiro: como dar forma literária consistente à especificidade de nossa experiência histórica à periferia do capitalismo?

Passemos agora à indicação de algumas dessas questões e à reflexão geral sobre sob que aspectos específicos elas acontecem na “Canção do exílio”. Primeiramente valeria mencionar o caso especial deste poema no que se refere à sua situação na história da poesia brasileira. Não há, em nossa história, caso nenhum de poema que tenha sido tão repetido, tão republicado, tão mencionado, sobretudo, tão citado por outros poetas brasileiros, por exemplo, na forma de paródia. Essa espécie de fixação que a “Canção do exílio” estimula tem a ver, certamente, com a consistência de verdade em relação à experiência brasileira que ela carrega. Algo nas formas e no conteúdo do poema condensa uma potência que diz respeito à profundidade dos desejos de cristalização de uma ideia de identidade nacional. De fato, como afirma Antonio Candido, trata-se de um momento ímpar na “consolidação do romantismo” no Brasil. Sua existência tem, para os brasileiros, o valor de revelação e realização literária e concreta de algo que, poucos anos antes, não passava de latência e desejo: a própria literatura brasileira.

Quando pensamos nisso, damos ainda mais valor ao fato de que se trata de uma canção que configura, assim como “Adeus à pátria”, em uma situação enunciativa de exílio. Assim, a grande revelação literária da nação brasileira, não se estabelece de maneira falha, artificial ou idiossincrática, pois considera na explanação do que é nacional, o terreno estrangeiro. É a distância, a saudade, o abandonar-se ao sentir que proporciona ao eu-lírico a possibilidade de formulação estética da brasilidade. Os aspectos naturais da “Canção”, por assim dizer, são menos descritivos da natureza

pitoresca do país do que do sentimento íntimo de brasileiro, cuja subjetividade é habitada com elementos naturais que se elevam a símbolo íntimo da nação. Dessa forma, mais do que representar algo externo ao poeta como símbolo da nação, a "Canção do exílio" nos apresenta tais símbolos já adensados no íntimo da subjetividade poética. A experiência é de internalização e expressão do Brasil, que deixa de ser "pátria", para se tornar "minha terra". Ao dizer isso, o poeta não apenas caracteriza um território, mas o nomeia como "seu", como único, como próprio; uma condição de intimidade que, entretanto, só pode ser atingida graças à consideração do "outro", do que não é próprio, do que é "exílio". Daí a força poética e política da condensação da dialética colonial em dois pequenos termos de valor locativo ("cá" e "lá"). Tais termos, numa velocidade quase infinita, para nós que conhecemos o dilema colonial, agregam muitos anos de luta para que essa diferenciação pudesse ocorrer, ao menos ideológica e literariamente, em pé de igualdade. A elevação da grandiosidade da nação brasileira e de sua identidade tem a ver com essa pretensa igualdade entre os termos local e universal. Ou seja, é só quando o termo local se torna universal que pode ter valor de verdade o cotejo com a matriz cultural metropolitana. "Cá" e "lá" reiteram, por meio de uma insistente homologia sonora, a equivalência da Europa e da América, indicando, por uma agudíssima atenção votada pelo poeta às necessidades ideológicas da história brasileira, que já estava feita a fronteira entre Brasil e outras nações, sobretudo nos aspectos de identidade que a literatura é capaz de anunciar e plasmar.

Tudo isso é feito, entretanto, sem anúncio outrora juvenil de ruptura com as matrizes literárias europeias. Ao contrário, a citação de Goethe na epígrafe do poema deixa claro o pertencimento do autor à tradição romântica dos países centrais. A sua vitória literária também não está, sob outro prisma, na mera assimilação do modelo de Goethe, o que abafaria a dimensão de estruturação da condição brasileira no poema. O sucesso estético de Gonçalves Dias, assim, é tributário, sobretudo, da maneira como a forma romântica modernizada acolhe questões próprias do país colonial que se desejava independente. Por isso, é possível dizer que Gonçalves Dias é um grande poeta não apenas porque soube recolher e reproduzir o melhor da tradição europeia em português do Brasil. Dir-se-ia melhor, de outro modo, que sua poética é grande e inigualável nos primeiros anos de romantismo brasileiro porque ele faz o Brasil e sua dicotomia existencial básica entranharem-se na forma moderna do poema romântico.

Noutros termos, consistência estética e sensibilidade histórica combinam-se na expressão legitimamente nacional de um grande poeta à periferia do capitalismo.

Todavia, resta ainda aprofundar contrastivamente uma questão importante que salta aos olhos, como já dissemos, na leitura dos poemas: a maneira como cada um lida com as contradições da formação nacional e da necessidade de construção de uma identidade via literatura na condição histórica específica de um país periférico. Em “Adeus à pátria” pode-se dizer que o “referente indócil” do mundo brasileiro clama por representação, fazendo com que o poema resista ao ponto final, alongando-se, por vezes, dolorosamente em estrofes que se sucedem agregando imagens que não são nada redentoras, pois enunciam a violência do processo colonizador e de independência. Já no caso de “Canção do exílio” toda a dinâmica bárbara da história colonial vem sublimada em uma contraposição “cá” e “lá” que é atravessada pelo sentimento grave de exílio que encontra sua contraposição dialética no próprio poema com o pertencimento íntimo à identidade nacional brasileira.

Parecem-nos possíveis então duas ilações a partir desse cotejo. Podemos afirmar que, de um poema a outro, há um amadurecimento literário que se faz ver na capacidade segundo a qual o poeta da “Canção do exílio” consegue sublimar as contradições evidentes da realidade brasileira e torna-las pura forma. Lembrando a formulação de Adorno (1983), as contradições fecundas da existência histórica da comunidade imaginada se tornam pura forma e, com isso, mais profundamente verdadeiras, seja do ponto de vista estético seja do ponto de vista transestético. Conforme se vê na *Teoria estética*:

Os estratos fundamentais da experiência, que motivam a arte, aparentam-se com o mundo objetivo, perante o qual retrocedem. Os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas imanentes da sua forma. É isto, e não a trama dos momentos objetivos, que define a relação da arte com a sociedade. (ADORNO, 1993, p. 16)

Sendo mais do que mera questão de habilidade poética intransitiva, a eficiência estética da “Canção” de Dias está bastante localizada na força que ela tem de assumir em forma literária as contradições da elaboração da identidade nacional brasileira. Por isso, parece-nos interessante pensar também que, como prova de saúde da organicidade do sistema literário brasileiro, a “Canção do exílio” é uma espécie de

releitura de "Adeus à pátria", uma vez que neste poema vemos tudo que está tratado no anterior em termos de sublimação. O que Magalhães nos apresenta de modo bastante espontâneo e pouco trabalhado em termos estéticos mais exigentes, Dias consegue condensar, logrando com seu poema a eficiência que normalmente vemos nos conceitos, ou seja, o pensamento sobre uma determinada coisa age em nós com uma velocidade infinita. O pensamento sobre o Brasil, portanto, na "Canção do exílio", aparece tão estetizado que parece ser só sentimento, ou algo de existência desejada e inquestionável; entretanto, diríamos que gravita nas suas bem traçadas linhas um conceito de Brasil, também ao menos no que diz respeito à sua existência universal com traços inigualavelmente locais. Mais do que um poema do exílio, a "Canção" de Gonçalves Dias é um atestado de nascimento ideológico do Brasil moderno. Daí a sua permanência em tantas de nossas expressões literárias posteriores, do Hino Nacional a ditos populares. Nos seus versos também lateja a certeza de que, se por um lado, existe a nação, tal construção também é feita de recalques, esquecimentos, apagamentos. Os "cadáveres" de "Adeus à pátria" já não têm lugar na "Canção do exílio"; assim como a "terra" já alguma coisa mais real e mais íntima do que a "pátria". Dessas contradições se faz a literatura brasileira no que ela possui de melhor em termos estéticos; dessas contradições extraímos os melhores elementos para nos reconhecermos como nação. Como movimento que exercitou a construção de uma imagem nacional, o estudo do Romantismo e do século XIX brasileiro tem muito a revelar aos brasileiros de hoje quem somos e como falamos sobre nós. A história posterior do sistema literário brasileiro foi precisamente aquela em que serão encontrados autores os mais diversos pensando e escrevendo literatura no sentido de atritarem contraditoriamente aspectos literários que se ligam geneticamente tanto à expressão do "sabiá" quanto à revelação dos "cadáveres" que enchem nossas praias. Essas tensões se acumulam e vão dando feição cada vez mais local, dilacerada e universal ao modelo mimético brasileiro, dando mostra do vigor cada vez maior de nossas letras.



REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- BASTOS, H.J de M. "Formação e representação". **Cerrados**: revista do programa de Pós-Graduação em Literatura, n. 21, ano 15, 2006, p 91-112.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira** – momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008.
- _____. **Ordem e progresso na poesia**. Textos de intervenção. Sel., apt. e notas Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades/34, 2002.
- DIAS, G. **Primeiros Cantos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- MAGALHÃES, D. J. G. de. **Suspiros poéticos e saudades**. Brasília: EdUnB, 1999.
- PILATI, A. "O desabrigo da subjetividade em dois poemas de Álvares de Azevedo". **Revista texto poético**. N.09, 2010.
- RICÚPERO, Bernardo. "A nação segundo o romantismo brasileiro". In: **O romantismo e a ideia de Nação no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SÜSSEKIND, Flora. "O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro". Em: PIZARRO, Ana. **América latina**: palavra, literatura e cultura. Campinas: UNICAMP, 1994.